

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

O SONHO COMO FUGA NA POESIA DE ÁLVARES DE AZEVEDO¹ THE DREAM AS AN ESCAPE IN THE POETRY OF ÁLVARES DE AZEVEDO

Leandro De Godoy²

¹ Texto elaborado para o Salão do Conhecimento, Unjuí 2017. Orientado pelo Prof. Me. Anderson Oliveira do Amaral.

² Aluno do curso de Letras português e inglês. Bolsista no projeto "Caminho da Palavra: A Leitura Literária e as Múltiplas Possibilidades no Ensino" PIBIC/Unijuí. E-mail: leandro.degodoy@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é realizar uma discussão a partir das leituras de poemas de Álvares de Azevedo tendo como assunto motivador a dimensão que o sonho toma em seu texto, bem como o sentido desse elemento na poesia. Considerando a importância desse autor para a poesia brasileira, buscando realizar discussão a partir das leituras de poemas de Álvares de Azevedo tendo como assunto motivador a dimensão que o sonho toma em seu texto, bem como o sentido desse elemento na poesia. O trabalho está organizado em introdução, metodologia, desenvolvimento, terminando com as considerações finais.

O presente resumo expandido terá como ambiente a segunda geração romântica, que é lúgubre, sombria e mórbida. Segundo Bosi (1991), nesse movimento "prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é nas trevas que latejam as formas inconscientes da alma: o sonho e a imaginação" (BOSI, 1991, p. 102). Assim, pode-se afirmar que a noite é o ambiente no qual o romantismo se revela de forma mais plena e no inconsciente, a exemplo do sonho, que ocorre a sua expressão mais profunda, liberta das amarras da realidade.

Um dos representantes dessa geração de poetas da noite; talvez o maior representante, guardando as devidas ressalvas técnicas como bem lembra Candido (1981); é Manuel Antônio Álvares de Azevedo, ou simplesmente Álvares de Azevedo. Na contramão da maioria dos poetas de sua geração, Álvares de Azevedo nasceu em família importante, "as condições da vida sempre lhe foram favoráveis: dos homens e do mundo só vieram apoio e admiração ao 'jovem de grandes esperanças'" (CANDIDO, 1981, p. 180). Porém, apesar de diversas circunstâncias conspirarem a seu favor, ele teve uma vida curta, morrendo aos vinte anos de idade, o que não o furtou, para nossa sorte, de se eternizar como um dos poetas mais bem-sucedidos da segunda geração romântica, afirmação essa que se ampara em Bosi, quando afirma que "[...] a leitura de Álvares de Azevedo merece prioridade, pois foi o escritor mais bem-dotado de sua geração,[porque], em vários níveis se apreendem as suas tendências para a evasão e para o sonho" (BOSI, 1991, p. 121)

METODOLOGIA

A metodologia adotada para o presente trabalho foi de análise literária a partir de uma

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

revisão bibliográfica, tendo como mote principal o livro *Lira dos vinte anos (1998)*, de Alvares de Azevedo, e como embasamento teórico os seguintes livros: *Historia concisa da literatura (1991)*, *Formação da literatura brasileira (1981)*, *Dicionário de Símbolos (2007)* e *O arco e a lira (2012)*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A linguagem poética é deslizante, escorregadia, disforme. Jamais poderemos alcançá-la com objetividade e racionalidade, porque ela é plurissignificativa, e nela os elementos sonoros e rítmicos fazem toda a diferença para a significação. Ela é figurativa, as palavras muitas vezes estão descoladas do seu sentido usual, ganhando dessa forma uma nova existência no poema. Octávio Paz nos diz que

A criação poética tem início como violência sobre a linguagem. O primeiro ato dessa operação consiste no desarraigamento das palavras. O poeta as arranca de suas conexões e misteres habituais: separando do mundo informe da fala, os vocábulos se tornam únicos, como se tivessem acabado de nascer (PAZ, 2012, p. 46)

Na poesia de Alvares de Azevedo, que é em sua grande maioria melancólica, mórbida e noturna, é possível perceber toda essa plurissignificação da linguagem. Nela a negação e a fuga da realidade se fazem constantes, sendo o sonho o portal que permite essa evasão. Ele representa uma fuga, pois “serve de exutório a impulsos reprimidos durante o dia, faz emergir problemas a serem resolvidos[...]” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2007, p. 846).

Como exemplo dessas características, leiamos o seguinte trecho de um poema do autor

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontânea canção dos passarinhos;
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pêlo sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janela a vejo
E de seus lábios o gemido escuto
É leve a criatura vaporosa
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte angélica
Um anjo lhe depôs coroa e nimbo...
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bela no vapor do meu cachimbo. [...]

(Fragmento do poema “Meu Anjo”.)

O poema inicia com a evocação, metafórica, de um ser celestial que, segundo nos dizem, é lindo e cândido, porém distante e inalcançável. Depois nos são apresentadas características físicas da amada, “seios alvos, tão macios”, que confere um leve toque sensual ao poema. No entanto a noite chega e, é claro, ela traz consigo a tristeza. O eu-lírico olha sua amada, seu anjo, na janela, e ela parece não lhe endereçar o mesmo sentimento. Esse sentimento, tão ideal e perfeito, não pode

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

ser realizado no mundo material, sendo necessário um distanciamento para que esse amor seja possível. O amante vê sua amada em seus sonhos, e é nesse universo onírico, nesse mundo de brumas que ele contempla essa criatura vaporosa e etérea, um ser que não é sólido e por isso, impossível de ser tocado fisicamente.

O sonho se torna, nesse poema, uma negação da realidade, na qual a amada não corresponde ao eu-lírico, e ele foge, se refugia nessa redoma nebulosa onde o encontro com ela é possível. E aqui temos uma forte característica do romantismo, o distanciamento da realidade. Não há lugar para ela, o cotidiano macularia o poema. A seguir temos outro exemplo da dinâmica que se desenrola entre eu-lírico e sua amada, típicos do romantismo:

Era uma noite - eu dormia
E nos meus sonhos revia
As ilusões que sonhei!
E no meu lado senti...
Meu Deus! Por que não morri?
Por que no sono acordei?

No meu leito adormecida,
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor,
Os cabelos recendendo
Nas minhas faces correndo,
Como o luar numa flor!

Sentir-lhe o colo cheiroso
Arquejando sequioso
E nos lábios, que entreabria
Lânguida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria [...]

(Trecho poema "O poeta")

Logo no início à noite é posta como ambiente, sendo ela “a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2007, p. 846), sendo ela o momento ideal para o sonho acontecer. No poema o amante sonha com sua amada, adormecida ao seu lado. Ele sente o cheiro dela, vê os lábios e ouve a respiração. Porém é arrancado desse momento perfeito ao despertar e, para ele, a morte seria melhor. Através do sonho, o amante pode chegar à sua musa, é nele que a aproximação entre os dois ocorre, podendo haver até mesmo

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

contato físico. Mas quando essa proximidade física acontece ela está adormecida, quase que alheia ao amado, o que pode ser uma marca da não correspondência desse amor, estando ela longe, mesmo quando está perto. Ao final do trecho novamente é ressaltado que era um sonho, na realidade a amada estava distante, e seu amor continuava apenas dele.

Esse distanciamento da mulher é recorrente nas poesias românticas, pois assim como o amor as mulheres também eram idealizadas. No trecho seguinte outro exemplo dessa forma de retratação feminina.

É loucura, meu anjo, é loucura
Os amores por anjos... bem sei!
Foram sonhos, foi louca ternura
Esse amor que a teus pés derramei!

Quando a fronte requeima e delira,
Quando o lábio desbota de amor,
Quando as cordas rebentam na lira
Que palpita no seio ao cantor...

Quando a vida nas dores é morta,
Ter amores nos sonhos é crime?
E loucura: eu o sei! Mas que importa? Ai!

Morena! És tão bela!... perdi-me!

Quando tudo, na insônia do leito,
No delírio de amor devaneia
E no fundo do trêmulo peito
Fogo lento no sangue se ateia.[...]

(Trecho poema "Morena")

Novamente imagem de um anjo é usada para se referir à mulher, o eu-lírico percebe que é loucura direcionar tal sentimento a alguém tão distante e impossível. Na segunda estrofe do poema a anáfora da palavra, "quando", transmite a sensação de que ele está em sofreguidão e ansiedade, como um coração batendo apaixonado. A vida já não existe mais, as dores e sofrimentos a consumiram. Então só o que resta a ele é amar em sonhos o belo anjo moreno, que tamanha é a beleza que levou o amante à perdição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

A intensidade marca a poesia de Álvares de Azevedo, para Candido ele é um poeta “que não podemos apreciar moderadamente: ou nos apegamos à sua obra, passando por sobre defeitos e limitações que a deformam, ou a rejeitamos com veemência, rejeitando a magia que dela emana” (CANDIDO, 1981, p. 178), isso porque em sua poesia ele é intenso, os sentimentos são intensos. Não existe meio termos: é amar e viver ou não amar e morrer. A poesia de Álvares de Azevedo é capaz de nos arrebatam da realidade e nos levar, mesmo que por momentos, para o universo onírico dos sonhos, no qual os amantes dos seus poemas amam de forma absoluta suas musas.

O sonho, segundo Chevalier e Gheerbrant, é essencial ao nosso psíquico, podendo ser entendido como uma forma de refugio da dureza da realidade enquanto dormimos. Dessa forma é possível entender a poesia como uma fuga dessa mesma realidade quando estamos despertos. Ela nos permite sensações que nos fazem penerar no universo mítico dos sonhos, proporcionando refrigero à mente e à alma. E isso se torna mais significativo, se tomarmos as palavras de Octávio Paz, quando diz que “a poesia pertence a todas as épocas: é forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesias. [...]. A poesia ignora o progresso ou a evolução, e suas origens e seu fim se confundem com os da linguagem.” (PAZ, 2012, p. 74). Por tanto, a poesia também nos humaniza, nos torna mais proximos do outro e seus sentimento.

Palavas-chaves: Literatura; Análise Literária; Linguagem Poética.

Keywords: Literature; Literary Analysis; Poetic Language.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1991.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Minas Gerais: Itatiaia, 1981.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figura, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.